

**Diálogos entre telejornalismo local e nacional
na cobertura da pandemia do Coronavírus**

**Dialogues between local and national television journalism
on the coverage of the Coronavirus pandemic**

Gustavo PEREIRA¹
Iluska COUTINHO²
Simone MARTINS³

Resumo

O objetivo do presente trabalho é apresentar os resultados de uma investigação sobre a cobertura da Covid-19 a partir da observação de telejornais local e o nacional. Os objetos empíricos de análise são veiculados pela Rede Globo de Televisão: o MGTV 1ª edição, da TV Integração, uma rede regional de televisão e o Jornal Nacional, mais longo noticiário em rede nacional do Brasil, buscando tensionar o espaço e abrangência dos noticiários durante a pandemia do coronavírus. A metodologia utilizada será a Análise da Materialidade Audiovisual, proposta por Coutinho (2016) e o recorte temporal tomado é de um mês a partir da confirmação do primeiro caso de coronavírus no Brasil, em 26 de fevereiro de 2020.

Palavras-chave: Telejornalismo. Localismo. Covid-19. Jornal Nacional. MGTV.

Abstract

The objective of the present work is to present the results of an investigation on the coverage of Covid-19 from the observation of local and national television news. The empirical objects of analysis are broadcast by Rede Globo de Televisão: MGTV Zona da Mata, TV Integração, a regional television network and Jornal Nacional, Brazil's longest-running national news cast, seeking to tension the space and coverage of the news during the coronavirus pandemic. The methodology used will be the Analysis of Audiovisual Materiality, proposed by Coutinho (2016) and the time frame taken is one month from the confirmation of the first case of coronavirus in Brazil, on February 26, 2020.

Keywords: Television journalism. Localism. Covid-19. Jornal Nacional. MGTV.

¹ Doutorando em Comunicação pela UFJF. Bolsista PROPP-UFJF. Pesquisador do NJA (Núcleo de Jornalismo e Audiovisual) e da Rede Telejor. E-mail: gustavo_tfp@yahoo.com.br

² Doutora em Comunicação Social. Professora do curso de Jornalismo e do PPGCOM da Faculdade de Comunicação da UFJF. Coordenadora e pesquisadora do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual e da Rede Telejor. E-mail: iluskac@globo.com

³ Doutoranda em Comunicação pela UFJF. Bolsista Capes. Pesquisadora do NJA (Núcleo de Jornalismo e Audiovisual) e da Rede Telejor. E-mail: sitema@gmail.com

Introdução

Os registros dos casos de Covid-19 no Brasil foram acompanhados pelo aumento da audiência, e também na confiança dos noticiários televisivos⁴. Dados da pesquisa Datafolha de março de 2020 sobre a confiança dos cidadãos a respeito de informações ligadas à Covid-19, 61% afirmaram confiar nos programas jornalísticos de TV, seguidos por 56% nos jornais impressos, 50% no rádio, 38% nos sites de notícias e apenas 12% de confiança no WhatsApp e Facebook. Soma-se a isso o fato de a TV estar presente em 96,4% dos lares brasileiros, segundo dados da PNAD Contínua TIC 2018 (IBGE).

Na tela da Rede Globo a estratégia de enfrentamento do Coronavírus incluiu a mudança na grade de programação, com exibição pela emissora de até 11 horas diárias de conteúdos jornalísticos, predominantemente ao vivo⁵. A ampliação do tempo dedicado ao telejornalismo global também se refletiu em suas afiliadas regionais, como a TV Integração (MG). Com cinco emissoras locais em funcionamento, a rede regional buscou uma alternativa para lidar com o aumento da demanda por produção associada aos cuidados e rodízio de equipes para reduzir o risco de contágio do Covid-19, que resultou em um apagamento da dimensão e espaços locais na tela da TV. Em 23 de março de 2020 a TV Integração unificou a produção de três telejornais diários que passaram a ter o mesmo conteúdo veiculado em cinco emissoras (Uberlândia, Ituiutaba, Araxá, Uberlândia e Juiz de Fora).

Neste artigo a proposta é analisar a cobertura da Rede Globo sobre a pandemia do Coronavírus a partir de telejornais de duas dimensões: local e nacional. Na primeira estaria a matriz dos vínculos de pertencimento ao lugar, enquanto na segunda ocorreria o acionamento, também simbólico, de perspectivas identitárias. O estudo tomou como objetos empíricos de investigação o MG2 (TV Integração) e o Jornal Nacional, telejornais noturnos líderes de audiência em seus espaços de alcance, local e nacional. O recorte temporal é de um mês, a partir da confirmação do primeiro caso de Covid-19 no

⁴ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/tvs-e-jornais-lideram-indice-de-confianca-em-informacoes-sobre-coronavirus-diz-datafolha.shtml>. Acesso em 10/02/2021.

⁵ A emissora interrompeu gravação de programas de entretenimento; apenas o BBB 20 permaneceu em produção, mas sem presença de público durante os paredões e com shows ao vivo apenas por meio de lives. A Globo recorreu ao seu arquivo para manter novelas e outros programas da linha de shows no ar.

Brasil, em 26 de fevereiro de 2020, até o encerramento o final de março, quando já tinham sido contabilizados 5.812 casos confirmados e 202 mortes.

Metodologicamente recorre-se à Análise da Materialidade Audiovisual (COUTINHO, 2018), em uma investigação que aborda a complexidade do produto jornalístico audiovisual a partir de seus para-textos e da definição de quatro eixos de análise. O objeto empírico é interpretado à luz da dramaturgia do telejornalismo para evidenciar: 1) espaços do tema e de sua realização na tela; 2) personagens em cena; 3) abordagem e repercussão do assunto no dia noticioso de cada edição e 4) função do Jornalismo que emerge a cada noticiário veiculado/analísado. Por meio desses eixos buscamos compreender como ocorreu no período da pandemia a articulação das esferas local e nacional na cobertura do Covid-19. O lugar e o local do telejornalismo é retomado em sua negociação com a escala nacional. Ainda que a TV no Brasil se constitua a partir de estações locais de exploração comercial/ privado, o imaginário do veículo tem caráter nacional, a partir de contratos também particulares. “A organização das emissoras de televisão em rede, com a celebração de contratos de afiliação entre estações geradoras, afiliadas e emissoras, é naturalizada no Brasil como se outro modelo de transmissão não existisse” (COUTINHO; EMERIM, 2019, p. 31).

Considerando que as experiências telejornalísticas cada vez mais se processam em múltiplas telas e formas de transmissão, incluindo aquelas realizadas de forma descentralizada e por redes sociais digitais, é interessante compreender como o território é coberto e ressignificado no enfrentamento da pandemia, também pelo Jornalismo, serviço essencial.

Do local ao global e a redefinição de escalas para o jornalismo

Desde a introdução da comunicação por satélite que concretizou a Aldeia Global às conexões digitais e via telefonia, a experiência de lugar, seu conceito e o mundo como um todo deixou de ter divisões estritamente territoriais. Na perspectiva de integração social, política, econômica e cultural de sociedades, promessas síntese da globalização, o (Tele)Jornalismo e o acesso ao mundo por suas telas, contribuiriam para a redução das escalas geográficas. Nas telas de televisão e/ou outros dispositivos qualquer informação poderia ser acessada, e por meio dela diferentes locais.

Nesse processo de mundialização cultural e territorial, com a quebra das barreiras e fronteiras, observamos em paralelo uma revalorização e ressignificação do local, seja ele ligado a um espaço geográfico ou ainda como local de identidades e pertencimento. Há assim também cada vez mais fluxos que vão desde o nível micro até o macro, e vice-versa. Por outro lado, em momentos como o de enfrentamento de uma pandemia como a da Covid-19, há ações de fechamento de territórios e fronteiras, inclusive com barreiras físicas. Para combater o vírus diversas nações se fecharam para os fluxos migratórios, também como (re)ação ao modo como cada país tem enfrentado a questão de saúde.

Haesbaert (1999) identificou uma aproximação entre o local e o global, defendendo que a globalização deve ser pensada de forma conjunta com a regionalização. Haveria uma redefinição nas escalas da diversidade territorial na própria mídia que buscaria globalizar seu conteúdo, mas também criar laços locais com seu espectador.

(...) uma nova valorização do regional aparece no próprio bojo da globalização dos mercados e das comunicações, o regional aí sendo interpretado como uma revalorização do singular, da diferença; para outros, a nova “regionalização” seria um contraponto à globalização, via criação de grandes uniões comerciais (HAESBAERT, 1999, p. 16).

A região seria redefinida como espaço de relações entre local, nacional e global, com emergência ocasional de novas escalas regionais ou meso-escalas. Estas ainda seriam definidas a partir da referência e dinâmicas globais que poderiam suscitar pertencimentos simbólicos como nos “Estados-regiões”, sem ligação com o território político, mas estabelecidos em territórios e fluxos econômicos. Para o autor há contribuição da mídia, e da internet em particular, em processos de desterritorialização e ressignificação do território, percebido e experimentado de forma distinta pela sociedade, também desigual em suas divisões. As categorias sociais privilegiadas se inseririam na sociedade global por seu maior acesso à internet e por meio das trocas culturais que lhe são possíveis, enquanto haveria um inferior, relacionado por Haesbaert (1999) à parcela da sociedade que não tinha acesso ao ciberespaço e/ou de terra. Duas décadas depois ainda há pessoas e regiões que não têm acesso de qualidade à Internet, e que habitariam nas zonas de sombra e silêncio.

É possível ainda pensar em diversos aspectos a partir das relações entre escalas e alcances territoriais e de mídia, seja de conflito ou diálogo. Se por um lado é inevitável

perceber uma quebra de fronteiras, com a expansão de escalas, por outro é possível também acessar a conteúdos audiovisuais telejornalísticos produzidos em âmbito local e consumidos globalmente, a partir do acesso à internet.

(...) os sentidos que antes eram atribuídos exclusivamente em relação a uma determinada área geográfica se tornam mais complexos. (...) numa abordagem mais ampla, o jornalismo local não se prende apenas aos acontecimentos locais e regionais, mas também aos globais e nacionais em sua abordagem articulada à realidade local (OLIVEIRA FILHO, 2019, p. 62).

Essa ampliação da escala do telejornalismo local produz também mudanças nas formas de produção de conteúdo. O reconhecimento do senso de lugar não necessariamente envolve a presença física, mas pode ser desenvolvido por meio do consumo jornalístico via ambiente digital, de notícias produzidas pelos telejornais da cidade. Há também uma maior conexão entre assuntos e temáticas que afetam ou pertencem a mais de um território ou sociedade.

(...) relevante “pensar numa nova articulação entre global e local”, com a valorização deste último. Nesse local, o cidadão busca saber o que há de anormalidade, o que segue seu rumo natural, o que há de curiosidade, de diferente; saber quais os serviços que são oferecidos. Realidades de um espaço local, regional, intensificam a sensação de ser parte, numa busca por referência (VIZEU, CERQUEIRA, 2019, p. 43).

Há de se pensar na perspectiva micro e macro no telejornalismo, em diferentes escalas geográficas e informacionais. O rompimento das fronteiras da comunicação vivenciado no final do século passado a partir do processo de globalização, tem estimulado o reforço identitário no consumo noticioso articulado com as raízes locais de cidadãos que acessam a rede mundial de computadores. Esse papel operado pela mídia televisiva de nos inserir no espaço público, ativando nosso sentimento de pertença com a veiculação de notícias que se referem ao lugar geográfico ou simbólico em que o telespectador está, também se articula com os fluxos informativos, e de (re)produção do telejornalismo.

Na dinâmica de articulação entre cabeças de rede e emissoras afiliadas, podemos considerar que as notícias produzidas e veiculadas localmente alimentam as nacionais, ainda que existam reportagens e conteúdos pautados e produzidos já na perspectiva de narrar o nacional. Em outras palavras, mesmo na edição de um telejornal nacional, é na

cidade, no local que as pessoas são representadas; o local é condição para o acontecimento do nacional.

Esse (re)conhecimento integra o para-texto da análise aqui empreendida. O diálogo entre os meios de comunicação e suas incidências sociais, como na consolidação de conhecimentos, saberes e identidades, utiliza-se de linguagens para estabelecer vínculos com o espectador, de modo a tê-lo cúmplice de sua audiência. Autores como Vizeu (2003) consideram o telejornal o como um bem público, e acrescentamos, também como forma de “validação” da realidade.

Os programas tomados como objeto do estudo empírico apresentado nesse artigo ancoram-se nessa promessa, em distintas dimensões, local e nacional, a seguir apresentadas. Veiculado desde o começo da década de 80, o telejornal local noturno das emissoras afiliadas da Globo em Minas Gerais, recentemente renomeado MG2 tem vínculo local. Transmitido pela TV Integração JF, e dirigido aos telespectadores de Juiz de Fora e zona da mata mineira., o programa aqui analisado segue o modelo da Rede Globo para a oferta de telejornalismo local/ regional por suas sucursais ou afiliadas. Além da estrutura e diretrizes de cenário padronizadas, seu tempo de duração (fluxo) é estabelecido, e tem dependência, com a programação gerada pela Rede.

De acordo com tal modelo definido pela cabeça de rede, o MG2 apresentava notícias da cidade sede (Juiz de Fora) e das cidades da área de cobertura (Zona da Mata, Mantiqueira e Vertentes). Antes da emergência da pandemia no Brasil, e consequente mudança na rotina de produção do telejornalismo como um todo, colocava em tela o âmbito local, com a cobertura dos problemas da comunidade conforme elementos estruturantes do telejornal (FALCÃO; MARTINS, 2019, p. 3 e 4). Assuntos gerais eram abordados pelos telejornais de rede ou repercutidos no MGTV 2ª edição a partir de seus reflexos na região, colocando na tela e no espaço geográfico-televisivo particular também fontes com atuação na área de abrangência da emissora. Tal perspectiva é alterada durante o mês de março, com a conversão do programa de cunho e alianças locais em um telejornal regional, com o espaço-tempo televisivo sendo dividido com outras emissoras da TV Integração.

Na esfera nacional nossos olhares se voltam ao primeiro programa exibido em rede nacional de televisão no Brasil, o Jornal Nacional (JN), que em setembro de 2019

completou 50 anos no ar. Desde então é líder de audiência⁶, sendo segundo João Roberto Marinho “um contato cotidiano no qual buscamos oferecer ao público informação de qualidade (...) uma verdadeira missão” (2019, p.11). Telejornal mais estudado no país, o JN atuaria como representante da sociedade, que o legitimaria como instituição narradora do país. Esse lugar de referência do Jornal Nacional evidenciado na bibliografia foi intensificado durante a cobertura do Covid-19, e traduzido no aumento da audiência anteriormente mencionado.

Considerando o telejornal local e nacional como espaços de encontro com a informação, celebrado cotidianamente entre emissoras e público, buscamos compreender por meio da análise de dois programas particulares, como ocorreu a articulação entre essas duas dimensões na cobertura da pandemia da Covid-19. A adoção da análise da materialidade audiovisual como método incluiu a realização de pesquisa bibliográfica e a construção de uma ficha de leitura estruturada em quatro eixos de análise. A partir desse documento foi realizada uma espécie de “entrevista do objeto”, compreendendo e interpretando os conteúdos jornalísticos audiovisuais por meio de uma moldura apropriada para responder aos objetivos e questões de pesquisa.

No estudo realizado outras referências importantes são as noções teóricas de enquadramento (GOFFMAN, 2012) e dramaturgia do telejornalismo (COUTINHO, 2012). A noção de *frame* foi aplicada na delimitação dos fragmentos noticiosos analisados, já apenas as matérias relacionadas ao Covid-19 foram recortadas, e associada ao entendimento da organização do telejornal como uma narrativa dramática para a compreensão da cobertura da pandemia no telejornalismo local e nacional.

O primeiro eixo analisado está centrado na dimensão do espaço e alcance dedicado aos conteúdos sobre o tema nos dois programas analisados. Essa relação de presença na tela ganha relevância também no segundo eixo da ficha de leitura, o papel desempenhado na narrativa telejornalística por cada um dos personagens das matérias analisadas. A abordagem do assunto nas reportagens de uma mesma edição, e a repercussão simbolicamente demarcada por ela constituem o eixo 3. O último eixo seria de síntese, e busca evidenciar a partir da cobertura da Covid-19 que função o noticiário assume para si em suas narrativas, ou ainda, que imagem do (tele)jornalismo se constrói nas edições analisadas.

⁶<https://www.kantaribopemedia.com/conteudo/dados-rankings/audiencia-tv-15-mercados/>. Acesso em 10/02/2021.

A cobertura da pandemia Covid-19 no MGTV2 e no JN

A descrição dos resultados de pesquisa busca associar as dimensões micro e macro, local e nacional, em cada um dos quatro eixos de leitura. Salientamos que a dimensão do território é também simbólica e economicamente negociada, como anteriormente mencionado nesse texto. Assim, a cobertura local no MG2 tem suas escalas, cenários e promessas identitárias alteradas durante o período de recorte, considerando a adoção pela TV Integração de novas rotinas de produção e edição dos telejornais em suas cinco emissoras, todas afiliadas da Rede Globo. Assim, a partir de 21 de março tem-se uma ampliação do território de alcance do telejornal que anteriormente se voltava à zona da mata mineira e vertentes. Desde então, com a implantação de rodízio entre as equipes de externa, produção e apresentação, nas cinco emissoras da Rede Integração, o noticiário noturno torna-se regional, incluindo material e sobretudo entradas ao vivo de Uberlândia, Uberaba, Araxá e Ituiutaba. A ampliação do raio de alcance do noticiário contudo não representou ao longo do tempo maior contextualização ou aproximação com o espaço nacional; sem diálogos entre as dimensões micro-meso-macro; na prática tem-se um apagamento da dimensão local de Juiz de Fora, à despeito da multiplicação potencial de localidades no telejornal MG2.

Assim, um primeiro comentário quanto ao eixo 1, relativo ao espaço representado na tela e seu alcance, diz respeito à percepção de que o local se fragmenta à medida em que o alcance das emissões e os conteúdos ganham caráter regional. Reflexo do aumento dos efeitos da Covid-19 em toda a sociedade, as mudanças de escala do telejornal local analisado ocorrem à medida em que também aumenta o peso relativo da pauta do Coronavírus no noticiário. Entre o marco inicial de 26/02/2020, data do primeiro registro de Covid-19 no país e 12 de março, a temática tem pouco espaço no MG2, com quatro edições sem nenhuma matéria sobre a Covid-19 (03, 04, 05 e 07 de março). Naquele momento a pauta local dominava a tela, que compartilhava registros dos estragos causados pela chuva em Juiz de Fora e região e informações sobre casos de dengue.

Uma política pública, a decretação de situação de emergência pelo Governo de Minas Gerais em 13 de março de 2020, converteu a pandemia na temática principal do telejornal, ocupando naquela edição 64,7% do tempo do noticiário, 11 dos 17 minutos

da edição de sábado do noticiário. A partir dessa edição o MG2 busca trazer um panorama do Covid-19; apenas pautas de grande valor notícia⁷ são capazes de romper uma cobertura sobre o Coronavírus que assume ares de exclusividade, mesmo a partir de 23 de março, quando o telejornal se torna regional, como anteriormente descrito.

Imagem 1: Mudança da área de cobertura do MGTV 2ª edição de local para regional



Fonte: Globoplay

Já no que diz respeito à observação do eixo 1, espaço, a partir da perspectiva macro, percebemos um movimento semelhante no Jornal Nacional, embora de forma antecipada em relação ao que ocorre regionalmente. A cobertura da pandemia foi ganhando destaque noticioso, traduzido em maior volume de matérias e tempo de edição à medida em que o número de casos aumentava no país. Em 26 de fevereiro, data da confirmação do primeiro caso de pessoa infectada com Coronavírus no Brasil, houve destaque na escalada do Jornal Nacional, mas pouco desdobramento. Na quarta-feira de cinzas, quando outros factuais relacionados ao carnaval se impunham, o JN registrou apenas que o primeiro caso confirmado era de um homem de 61 anos que retornara da Europa e não apresentava sintomas graves. A Covid-19 é apresentada de forma mais aprofundada na edição seguinte (27/02) a partir do cenário internacional; as notícias seguintes (28/02 e 02/03) são positivas. A reportagem de abertura do noticiário em 02 de março ressalta a identificação de pesquisadoras da USP de que vírus diferentes infectaram os dois brasileiros vítimas de Covid-19. O estudo desenvolvido mostrou que

⁷ Na edição da sexta, 20 de março, há exibição de três matérias não relacionadas ao Covid-19: “Juiz de Fora volta a registrar pontos de alagamento”; “Famílias começam a se mudar de prédio incendiado”; “Protesto de motoristas e trocadores de ônibus em Juiz de Fora”.

o Coronavírus pode ter diversos códigos genéticos por sofrer mutações em um mês; a reportagem que integra a escalada destaca a importância da pesquisa desenvolvida em universidades públicas brasileiras, e sinaliza abordagem distinta do tratamento do governo quanto à ciência nacional.

Ao longo dos dias, e edições, o Jornal Nacional segue um script semelhante; informa sobre o avanço da epidemia no Brasil e depois o panorama da doença no mundo. O noticiário registra o número de casos suspeitos e onde estão localizados os pacientes suspeitos de haver contraído o vírus, padrão que ganha nova escala de espaço, também noticioso, com a edição de 05 de março quando 47,6% do tempo de exibição do JN é dedicado à cobertura do Covid-19 (20'38" de produção, entre 44'42" totais). Eram registrados os primeiros dois casos de transmissão local no Brasil, que tinha então oito casos confirmados. Medidas de governos estrangeiros, incluído fechamento de escolas, estádios e templos eram noticiadas como estratégias adotadas para proteger a população contra o Coronavírus. Os dias seguintes seguem a tendência de ocupação temática, com 47,6% e 28% do tempo do JN dedicados aos Covid-19 nas edições de 06 e 07 de março, com registro de número de casos e ações adotadas pelo Ministério da Saúde.

Na terceira semana analisada, edições veiculadas entre 09 e 14 de março, o peso do aspecto factual parece ser reduzido, com o predomínio da abordagem econômica na cobertura. As informações sobre a Covid-19 não abrem o noticiário, embora persista o repasse diário dos dados, com o menor tempo proporcional à cobertura do Coronavírus registrado no JN de 09/03, três dos 43 minutos do telejornal. Apesar disso, a semana tem um registro importante sob o ponto de vista noticioso em 11 de março; a matéria de abertura do Jornal Nacional registra a classificação da doença causada pelo Coronavírus por decisão da OMS (Organização Mundial de Saúde). Esse aumento de relevância ganha reflexos no espaço dedicado ao tema no noticiário, 72,9% e 73,3% nas edições de 12/3 e 13/3, respectivamente. São registrados a contaminação do Secretário de Comunicação do Governo Federal, Fábio Wajngarten, que integrou a comitiva do Presidente Bolsonaro em viagem aos Estados Unidos; as ações e recomendações do Ministério da Saúde; a baixa letalidade da Covid-19 (apenas 3,4%); a existência de grupos mais vulneráveis, como de idosos; e a constatação de que os estados do Rio de Janeiro e São Paulo já tinham transmissão comunitária do novo Coronavírus.

A quarta semana de análise registra espaços-tempos dedicados à Covid-19 bastante significativos; 66,9% do total na edição de 16/3, 85,2% em 18/3 e 85,7% na

edição de 21 de março do JN. Em relação aos espaços geográficos representados há também uma elevação, nos níveis de conflito global-nacional, representado pela negativa do governo à recomendação do diretor geral da OMS, Tedros Adhanon, de testagem massiva como maneira mais eficaz para prevenir infecções e salvar vidas; pelo fechamento de fronteiras com o Brasil por países da América do Sul e em termos cambiais, com ênfase à primeira vez na história em que o dólar fechou acima de R\$5,00. Há tensões também na federação, com a decretação de situação de emergência no Estado do Rio de Janeiro, e em cidades brasileiras como São Paulo, Fortaleza, Salvador e Recife. Os estados de Goiás e Minas Gerais também estão presentes no telejornal, que mostra os cuidados estaduais para conter o avanço da Covid-19 e o panorama do Coronavírus no Brasil e no mundo. A semana ainda tem o registro no JN da primeira morte por Covid-19 no país, de um paciente diabético e hipertenso que não havia viajado para o exterior; era 17 de março e o Brasil havia atingido a marca de 8000 casos suspeitos da doença. A edição de 18/3 tem 85,2% de seu tema dedicado à cobertura do Coronavírus, que surge já na escalada ao registrar uma reunião ministerial para anunciar medidas contra a crise provocada pela pandemia no país; o JN registra “drástica mudança de postura” do presidente da República, que 48 horas antes havia dito declarado haver histeria e superdimensionamento da pandemia, contrastando com o uso de máscara por todos os membros do governo que participaram da coletiva. Em coletiva ministerial os responsáveis pela Saúde, Economia e Justiça apresentam ações para minimizar a crise econômica provocada pela Covid-19, incluindo a proposta de auxílio emergencial de R\$200,00. As edições da semana ainda registram que já não era possível registrar a origem da contaminação, com a declaração do estado de transmissão comunitária da Covid-19 em todo o país; a adoção de um novo protocolo pelo Ministério da Saúde; o fechamento de fronteiras terrestres do Brasil com países vizinhos; tensionamento diplomático Brasil-China motivado por postagem do deputado Eduardo Bolsonaro (PSL). Na edição da sexta-feira, 20 de março, o JN exhibe trecho de coletiva do presidente sobre os impactos da pandemia no país: “depois da facada não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar não, tá ok?”. Ao final da quarta semana de análise o Brasil tinha 1178 pessoas infectadas pelo novo Coronavírus, e 18 mortes; a cobertura da doença ocupou 51’ dos 59’30” do telejornal daquele sábado (21/3).

Os últimos dias de análise confirmam a prevalência da cobertura do Covid-19 no espaço-tempo do JN, e a ampliação dos conflitos entre o governo federal e distintos

interlocutores ou poderes: governadores, parlamentares, judiciário, OMS e Jornalismo, entendido como quarto poder. A quinta semana de análise tem um editorial do Jornal Nacional; a defesa do Jornalismo; a busca por humanizar o combate à pandemia; as reações mundiais, incluindo o adiamento dos Jogos Olímpicos.

O segundo eixo de análise buscou evidenciar os papéis representados pelos personagens que, por meio da dramaturgia do telejornalismo como estrutura narrativa, davam a ver a realidade do enfrentamento do Covid-19 nas dimensões micro (local) e nacional tomadas como recorte. No primeiro período da cobertura da epidemia do Coronavírus, assumida pela OMS como pandemia durante o período de registro das edições analisadas, os casos de Covid-19 não possuíam um rosto, embora vítimas pareciassem padecer do que Jhonatan Mata (2013) caracterizou como síndrome de Darth Vader, não possuíam rosto, mas eram registradas em números crescentes a cada edição, local e nacional.

Os especialistas por sua vez foram personagens com protagonismo, no MG2 e no Jornal Nacional. Em âmbito local eles evidenciaram discursos recomendando cuidados e proteção, e posteriormente em defesa do isolamento social, em postura semelhante ao tom editorial assumido pela TV Integração. Um mesmo infectologista, Guilherme Côrtes, teve sonorais inseridas em edições veiculadas nos dias 13, 16, 17, 19 e 31 de março, somando cerca de seis minutos de fala em cinco participações. Em rede nacional o discurso dos profissionais de saúde e cientistas teve personagens mais diversos, embora a defesa da vida possa ser considerada um ponto de unificação. Nesse sentido, os tons do enquadramento desses personagens em geral foram positivos, aproximando-os da atuação de mocinhos que buscavam resolver um conflito.

Também presenças frequentes nos telejornais, as autoridades do executivo tiveram escalas distintas nas coberturas de âmbito local e nacional. No MG2 surgem em cena Secretários de Saúde Estadual e Municipais; o prefeito de Juiz de Fora, Antônio Almas, e o governador mineiro Romeu Zema. Presentes em diversas edições eles atuam como arautos, aqueles que anunciam medidas de combate à Covid-19, propagam conteúdo oficial, reconhecido como relevante pelo telejornal, que acaba por o reforçar. Nas edições do JN, contudo, o Governo Federal tem postura diversa: se as autoridades da área de saúde atuam no sentido de orientar os cidadãos, aproximando-se dos profissionais e especialistas, o ministro da Economia e o Presidente da República assumem papéis distintos. Paulo Guedes fala aos empresários e ao mercado, abordando

tão somente os reflexos econômicos resultantes, enquanto Jair Bolsonaro assume um lugar de negação, ou até adversarial, ao ameaçar a vida conforme carta dos governadores de nove estados do Nordeste apresentada no JN. Também preocupado com os efeitos econômicos, e eleitorais, da pandemia, o presidente ataca as recomendações de isolamento e o que qualifica como histeria:

No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão. Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento para a doença (BOLSONARO, 2020).

Na cobertura da Covid-19 como drama de saúde e noticioso, de abrangência mundial e grande impacto no Brasil, o papel desempenhado por Bolsonaro nas edições do Jornal Nacional aproxima-se assim de um vilão, que age no sentido não de solucionar a situação conflito, mas que contribui para seu aprofundamento.

O terceiro eixo de análise evidenciou a abordagem ou enquadramento preferencial assumido na cobertura do Coronavírus nos dois telejornais. No telejornal local tomado como recorte a abordagem é prioritariamente de serviço, com indicações de procedimentos, orientações gerais, constituindo-se quase como um manual de uso, e modo de agir em meio à pandemia. Seja na cobertura voltada de forma mais específica à Juiz de Fora ou mesmo após a ampliação da abrangência, com o programa regional, os discursos de emissora, autoridades e demais fontes acionadas é convergente, e tem perfil voltado aos cuidados de prevenção e defesa do distanciamento social.

No âmbito nacional há enquadramentos e abordagens diferentes à medida que se desenrola a cobertura, e que novos conhecimentos sobre a Covid-19 passam a circular, também por meio das edições do Jornal Nacional. A primeira abordagem é essencialmente informativa, com registro dos casos e características pontuais da doença, sem maior envolvimento da emissora, mas esse tom é alterado à medida em que o número de confirmações aumenta, assim como o grau de conhecimento dos efeitos do Coronavírus. A abordagem didática é preponderante, como linguagem e proposta do telejornal de horário nobre da TV Globo, mas há com o agravamento do panorama da doença no Brasil abordagens mais opinativas, inclusive com edição de um editorial e de comentários críticos, que evidenciam o enquadramento negativo para o governo.

Imagem 2: Especialista ensina os cidadãos a lavarem as mãos da forma correta no Jornal Nacional



Fonte: Globoplay

Com relação ao último aspecto evidenciado na análise, as funções do noticiário que ganham relevância a partir da cobertura da Covid-19 nas edições analisadas são: acolhimento, pedagógica e didática, percebidas de maneira mais explícita no âmbito do Jornal Nacional. Na edição de 23 de março, por exemplo, o telejornal pede calma à população como forma de tranquiliza os cidadãos em meio ao crescimento do número de casos e mortes pelo Coronavírus.

Imagem 3: Jornal Nacional busca acolher e tranquilizar seu público com palavras de força



Fonte: Globoplay

Depois de fazerem a escalada das matérias, os âncoras assumem papel acolhedor; entre troca de câmeras reconhecem a gravidade da situação, destacam o trabalho de vários profissionais que não podem se manter em isolamento, como preconizado pelo Ministério da Saúde, e exaltam sobretudo o trabalho dos jornalistas, ao reforçar o pedido de serenidade aos telespectadores. As funções do jornalismo que emergem dos noticiários analisados assim são de informação, orientação, de monitoramento e fiscalização dos poderes, mas também de aconselhamento, e acolhimento.

Por outro lado, no caso do MGTV 2ª edição, a forma de acolher e de trazer um tom pedagógico e didático ocorre por meio das entrevistas, em que especialistas dão instruções de como proceder no enfrentamento da pandemia da Covid-19 em diferentes áreas, informando, orientando e oferecendo conhecimento aos cidadãos.

Considerações finais

De maneira geral seja nos espaços local ou nacional os telejornais analisados assumem postura didática na cobertura da Covid-19. Em matérias que recorrem a ilustrações e artes, especialistas e personagens auxiliam na construção de narrativas que ensinam o caminho a ser percorrido pelas pessoas que apresentem sintomas da doença e as medidas para reduzir riscos de contágio. Na dramaturgia do telejornalismo a lição moral indicada nas edições analisadas é da necessidade do envolvimento de todos no enfrentamento do vírus; até que vacina e/ou remédio estejam disponíveis, cidadãos-telespectadores devem seguir as orientações repassadas pelos especialistas e pela ciência para a prevenção da doença.

Ao apresentar a temática de forma pedagógica, associando o exercício do jornalismo, aos princípios de educar, entreter e informar próprios da TV, os telejornais tomados como recorte ainda apontam riscos no enfrentamento do problema. O negacionismo e a ausência de uma atuação coordenada pelo Governo Federal são apontados como fontes de tensão, e de acirramento do conflito, narrativo e social.

A questão da desinformação e da circulação de um grande número de notícias falsas acerca da Covid-19 nas redes sociais é outro aspecto que merece destaque, sobretudo no telejornal de âmbito nacional. A solução apontada para solucionar o problema tem caráter autorreferente e promocional, com o convite/sugestão de que

telespectadores confirmam o que é verdade ou mentira em portal de notícias do Grupo Globo em uma plataforma presente na web.

Assim nas edições analisadas, Jornal Nacional e MG2 reafirmam seu lugar como atores centrais no funcionamento da pedagogia do telejornalismo, tal como descrita por Vizeu e Cerqueira (2018, p. 42-43). Como educadores, os jornalistas de emissoras locais ou que atuam em rede nacional de televisão atuam como produtores de conhecimento, e tornam-se responsáveis pela produção de sentidos e valores, noticiosos e de orientação quanto ao ser e estar no mundo. Na cobertura da pandemia da Covid-19 atuaram no recorte analisado de modo a orientar, de forma didática ou poética, seus telespectadores quanto às novas práticas de comportamento, com o objetivo de que se acostumem com o que uma das entrevistadas, a pesquisadora do Insper, Maria Aparecida Schirato descreveu como “um novo padrão que possa garantir nossa sobrevivência”.

Nas edições de MG2 e JN tomadas como recorte essa estratégia ganha forma na materialidade audiovisual analisada por meio de espaços; personagens; abordagens; da edição de imagens de diferentes localidades do mundo e do Brasil a cada final de bloco, dando forma e espaço ao isolamento defendido; de diferentes funções que reafirmam a importância e o lugar do (tele)jornalismo na contemporaneidade.

Referências

COUTINHO, I., EMERIM, C. Lugares, espaços, telas e reconhecimento: O local do telejornalismo na contemporaneidade. In COUTINHO, Iluska e EMERIM, Carlida (Orgs). **Telejornalismo Local: teorias, conceitos e reflexões**. Florianópolis: Insular, 2019.

COUTINHO, I. Compreender a estrutura e experimentar o audiovisual - Da dramaturgia do telejornalismo à análise da materialidade. In: EMERIM, Cárilda; COUTINHO, Iluska; FINGER, Cristiane (Orgs.). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2018.

COUTINHO, I. **Dramaturgia do telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

FALCÃO, L. F.; MARTINS, S. **Manifestações em foco: um olhar sobre as coberturas local e nacional dos protestos a favor da Educação e pró-Bolsonaro**. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2019/paper/viewFile/1990/1221>. Acesso em 10/02/2021.

GOFFMAN, E. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Tradução: Gentil A. Titton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

HAESBAERT, R. **Região, diversidade territorial e globalização**. Volume 1, número 1, Niterói. Revista Geografia- Revista do Programa de Pós-Graduação da UFF, 1999.

MARINHO, J. R. Prefácio. In: Organização memória globo. **Jornal Nacional: 50 anos de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

MATA, J. **Um telejornal para chamar de seu**. Florianópolis: Insular, 2013.

OLIVEIRA FILHO, J. T. O sentimento de local na sociedade contemporânea: Reflexões no (tele) jornalismo. In: **Telejornalismo local: teorias, conceitos e reflexões**. Iluska Coutinho, Cárilda Emerim (orgs.). Florianópolis: Insular, 2019.

VIZEU, A.; CERQUEIRA, L. Os saberes da Pedagogia da Autonomia no Telejornalismo. In: EMERIM, Cárilda; COUTINHO, Iluska; FINGER, Cristiane (orgs.). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2018.